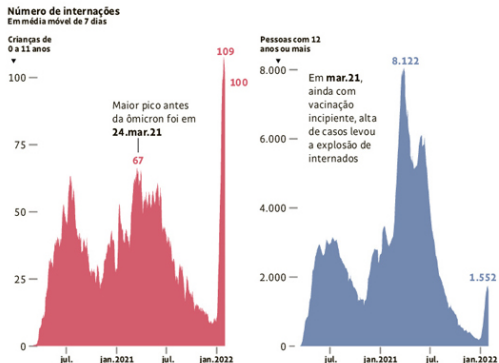
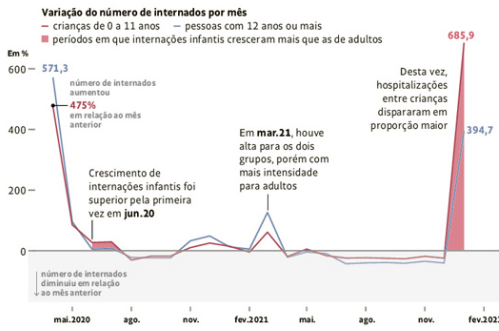


Internação infantil por Covid sobe quase 8 vezes

Internações por Covid crescem mais entre crianças e adolescentes
Chegada da ômicron levou a aumento recorde de hospitalizações em menores de 12 anos



Vacinação de adolescentes pode ter reduzido internações

Samuel Fernandes

SÃO PAULO A imunização de adolescentes contra a Covid-19 pode ter reduzido as hospitalizações na cidade do Rio de Janeiro mesmo com a variante ômicron, aponta novo estudo.

Os maiores de 12 anos vacinados foram uma parcela mínima das hospitalizações, enquanto crianças que ainda estavam no início da campanha de vacinação quase representaram a totalidade de casos mais graves.

Publicada como pré-print, ou seja, sem revisão de outros cientistas, a pesquisa foi assinada por cinco pesquisadores brasileiros.

A autorização da vacina para a adolescentes com mais de 12 anos aconteceu em junho de 2021 para a imunizante da Pfizer.

Para crianças a partir de cinco anos, a vacina teve aprovação em dezembro. Em janeiro de 2022, a Coronovac ganhou aval para ser utilizada em maiores de seis anos.

Com dados do Ministério da Saúde, os pesquisadores apontam que 1.422 crianças morreram por Srag (síndrome respiratória aguda grave) devido à Covid até 4 de dezembro de 2021 — 0,38% dos óbitos causados pela complicação.

A porcentagem pode até ser considerada baixa, mas os cientistas observam que o número de crianças mortas por Srag em decorrência do coronavírus é oito vezes maior que os óbitos por Srag causados por todos os outros vírus respiratórios.

O estudo utilizou dados de 300 pacientes com menos de 18 anos que tiveram Covid e foram atendidos em dois hospitais pediátricos na capital fluminense — Prontobaby e Centro Pediátrico da Lagoa.

Desse total de internações, 240 pacientes foram admitidos entre 22 de 2021 no período em que nenhum menor de 18 anos estava completamente imunizado. Segundo o estudo, no Rio, a proteção com duas doses com a Pfizer só foi atingida em 30 de dezembro de 2021 em adolescentes com mais de 12 anos.

Já os outros 60 pacientes foram internados de janeiro a 10 de fevereiro deste ano, quando já havia larga cobertura da vacinação dos adolescentes com mais de 12 anos, mas ainda faltava uma campanha consolidada para os mais novos.

Os casos severos de Covid em 2022 ocorreram principalmente na parcela de crianças que estavam no início da campanha de vacinação, as com menos de 12 anos — em 2020 e 2021, havia um maior equilíbrio na distribuição dessas ocorrências entre as faixas etárias.

“Foram poucas crianças internadas maiores de 12 anos, apenas cinco. E dessas, 50 dias tinham recebido o esquema completo. Ou seja, das 60 crianças que foram internadas, 58 não tinham as doses do calendário”, afirma André Ricardo da Silva, infectologista e professor da faculdade de medicina da Universidade Federal Fluminense.

Como o segundo período da análise se passou em janeiro de 2022, também foi possível analisar o impacto da variante ômicron. Segundo Silva, é possível dizer que, mesmo com a variante, a vacinação trouxe proteção contra hospitalizações aos adolescentes.

Hospitalizações de crianças por Covid saltaram de 284 para 2.232 em 1 mês

Alta foi maior do que para adultos; falta de vacinas é principal explicação, segundo pesquisadores

DELTAFOFHA

Cristiano Martins e Diana Yukari

SÃO PAULO A recente explosão das internações infantis por Covid-19 supera em muito a curva geral de aumento durante a onda associada à variante ômicron no Brasil.

Levantamento da Folha com dados do Ministério da Saúde revela que o número de crianças menores de 12 anos hospitalizadas com complicações da doença saltou de 284 em dezembro para 2.232 em janeiro. Uma escalada de 686%.

Desde o início da pandemia, o Brasil ainda não havia visto tantas internações pediátricas por Covid em um só mês. Foram 70% a mais em relação a janeiro do ano passado e 11% acima de março, pico dos atendimentos no país em todas as faixas etárias.

Entre as demais idades, a alta de dezembro para janeiro foi proporcionalmente menor, de 395%. As hospitalizações de adolescentes e adultos subiram de 7.399 para 36,6 mil entre os dois meses, puxadas especialmente pelos idosos.

Apesar do aumento expressivo, essa quantidade é bem inferior aos 95,8 mil atendimentos em janeiro de 2021 e aos 228,3 mil registrados em março, no auge da pandemia.

Praticamente uma em cada dez internações por Covid na faixa de 0 a 11 anos no Brasil ocorreu em janeiro de 2022. Segundo especialistas, a principal explicação é a falta de cobertura vacinal nesse público. Autorizada em 16 de dezembro pela Anvisa para as crianças de 5 anos ou mais e iniciada oficialmente em 14 de janeiro no país, a campanha de imunização começou



UTI para crianças com Covid no Hospital Cândido Fontoura, em SP. Adriano Visoni/4.fev.22/Folhapress

em ritmo lento. Até segunda-feira (14), data da última atualização dos registros de internações, 28% das crianças elegíveis haviam recebido a primeira dose, segundo dados das secretarias estaduais de Saúde coletados pelo consórcio dos veículos de imprensa formado por Folha, UOL, O Globo, G1, O Estado de S. Paulo e Extra.

Entre os brasileiros adultos, 94% já estavam protegidos com o primeiro ciclo completo (duas doses ou o imunizante de dose única).

“Observamos um aumento impressionante, seguramente relacionado à dinâmica de transmissão. É como uma batida, em que o vírus quer sobreviver e procura os lugares onde será menos atacado. Hoje, o nicho mais vulnerável é justamente o das crianças”, explica Raphael Guimarães, pesquisador do Obser-

vatório Covid-19 da Fiocruz. A análise da Folha mostra que o número de crianças hospitalizadas cresceu não apenas em termos absolutos, mas também no comparativo com as demais faixas etárias.

Elas respondiam por cerca de 1,5% na média de internações até novembro passado. No fim de janeiro, eram 6%.

O fenômeno conhecido como rejuvenescimento da pandemia já havia sido observado pelos cientistas em outras ocasiões, tampouco é exclusivo do Brasil. A medida que a imunidade avança entre os mais velhos, a média de idade dos infectados — e consequentemente das internações e dos óbitos — tende a diminuir, explica Guimarães.

Esse movimento ficou mais claro entre maio e julho, após a vacinação dos idosos. A faixa dos 20 aos 59 anos chegou a responder por mais da me-

tade das mortes ao longo de seis semanas consecutivas e por mais de 60% das hospitalizações em UTI (unidade de terapia intensiva) durante dois meses, segundo relatório da Fiocruz.

O levantamento da Folha também aponta a queda acentuada na participação percentual dos grupos mais longevos, a partir do início da vacinação, em relação ao total de casos hospitalizados.

Os septuagenários representavam 20% dos internados em janeiro do ano passado, mas apenas 7,5% em junho. Entre os sexagenários, a presença caiu de 24% em maio para 12% em julho, na contramão dos picos de hospitalização entre adultos e jovens. Recentemente, após aumento da cobertura vacinal entre adultos, a presença de idosos voltou a subir em relação ao total.

O infectologista pediátrico

Marcio Nehab resalta que a baixa vigilância genômica no Brasil e esgotamento dos testes diagnósticos durante a explosão de casos em janeiro limitam análises mais aprofundadas sobre o real impacto da ômicron nesse cenário.

“Hoje, as pessoas não adequadamente vacinadas, isto é, sem duas doses ou sem a dose de reforço, são a gigantesca maioria das que nós internamos. E as crianças fazem parte do grupo de não vacinados. Esse é o principal fator para o aumento absoluto. É um mar de suscetíveis”, diz o especialista do IFF (Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira).

Segundo o IBGE, há cerca de 20,5 milhões de brasileiros menores de 12 anos.

Até a última atualização dos dados oficiais, a Covid havia provocado ao menos 1,536 óbitos e 25.295 hospitalizações por Srag (síndrome respiratória aguda grave) entre crianças, segundo os critérios utilizados no levantamento.

Houve também 63 mortes e 1.160 hospitalizações por síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica no público infantil de 0 a 9 anos.

Os números podem parecer pequenos se comparados às 638,9 mil vidas tiradas pelo coronavírus no Brasil.

De acordo com balanço do Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde) e do próprio ministério, entretanto, nenhuma outra doença imunoprevenível causou tantos óbitos em crianças no Brasil em 2021 quanto a Covid.

O levantamento da Folha considerou somente as internações por Srag com diagnóstico confirmado para a Covid e dadas como encerradas, seja por alta ou óbito.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Saúde **Caderno:** B **Página:** 1